

OS NOSSOS MORTOS

DR. ARTHUR FRANCO E SOUZA

Victimado por uma angina pectoris, succumbiu pela madrugada do dia 31 de julho p. p., nesta capital, o dr. Arthur Franco e Souza, conhecido medico e antigo lente da Faculdade de Medicina. Não foi com pequeno pezar que a sociedade porto-alegrense, o corpo medico local, emfim todos os que com elle mantinham relações, receberam a noticia da morte do conceituado clinico, descendente de antiga familia rio-grandense.

Natural da cidade de Cachoeira, nasceu a 29 de março



de 1874, muito joven veio para, esta capital, onde fez os seus estudos de preparatorios, seguindo depois para o Rio de Janeiro, em cuja Faculdade de Medicina se diplomou, após um curso brilhante, constituindo a sua these de doutoramento um trabalho de valor.

Concluindo o seu curso medico veio para o Rio Grande do Sul, abrindo aqui consultorio, tornando-se, em pouco tempo, um notavel cirurgião, honrando com raro brilho a cirurgia rio-grandense.

Não obstante os seus multiplos affazeres, collaborava em revistas medicas daqui, de outros pontos do paiz e até do estrangeiro, tendo o Collegio Cirurgico Norte Americano, o nomeado seu membro correspondente, convidando-o para excursionar aos Estados Unidos, onde já era conhecido pelas valiosas contribuições scientificas publicadas em revistas daquelle paiz.

Mas o dr. Arthur Franco não era, somente, um habil cirurgião, era tambem um dos ornamentos do corpo docente da Faculdade de Medicina.

Assim, a 8 de março de 1899, pouco depois de ter chegado do Rio de Janeiro, a congregação da Faculdade de Medicina, tendo em vista o bom nome de que era portador o joven medico, nomeou-o professor substituto da cadeira de anatomia cirurgica, promovendo-o em 1902 a lente cathedratice de anatomia medico-cirurgica pelos bons serviços que,

em poucos annos, já vinha prestando áquelle estabelecimento de ensino. Em 17 de abril de 1918 foi transferido para a 1.ª cadeira de clinica medico-cirurgica, vaga pelo fallecimento do respectivo lente, dr. Carlos Wallau, cujo nome ainda é lembrado com viva saudade na classe medica rio-grandense.

Durante 20 annos preleccionou elle na Faculdade de Medicina, deixando um traço inapagavel na cathedra que regia, constituindo a sua morte uma grande perda para aquella Academia. O dr. Arthur Franco fazia tambem parte do corpo docente da Faculdade de Direito, regendo a cadeira de medicina legal.

Ainda outra bella qualidade possuia o dr. Arthur Franco para lhe realçar o seu character, era a sua assiduidade como medico do hospital da Santa Casa, servindo muitos annos como adjuncto da 4.ª enfermaria (clinica cirurgica), hoje Enfermaria Dr Wallau, da qual, após a morte do seu patrono, foi nomeado director, posto que tambem occupava com bastante brilho. Ainda na vespera do seu fallecimento estivera ali praticando varias operações, com o mesmo carinho dos seus primeiros annos de medico do hospital da Santa Casa. A sua operosidade como medico se reafirmára na madrugada de hontem, horas antes do seu trespasse, attendendo a um chamado naquella profissão, que abraçara com grande amor.

E por ultimo, um dos seus mais bellos predicados era o de exemplar e dedicadissimo chefe de familia, qualidade esta que tambem o punha em grande destaque na sociedade rio-grandense. Com a morte do dr. Arthur Franco, o corpo medico do Estado perde um dos mais illustres ornamentos, a Faculdade de Medicina, um dos seus provecitos lentes e a Santa Casa um dos prestativos medicos dos pobres que affluem ás suas enfermarias. Este era o perfil social do apreciado patricio, que succumbiu repentinamente aos 49 annos de idade, deixando a lamentar o seu passamento além de sua exma. viuva d. Julia de Castilhos Franco, filha do finado dr. Julio de Castilhos, os seus tres filhos, a senhorita Ilka e os jovens Arthur e Paulo Franco.

O dr. Arthur Franco, era filho do finado desembargador James Franco e Souza que foi durante muitos annos presidente do Superior Tribunal, e da exma. senhora d. Angelica Franco e Souza, que ainda vive, em avançada idade; irmão dos drs. Leonardo Macedonia Franco e Souza, secretario da Faculdade de Direito; e Carlos Franco, engenheiro residente em São Paulo; sr. Mario Franco, fazendeiro, em Jaguary e da exma. viuva do dr. Rodolpho Masson.

A morte do dr. Arthur Franco divulgada momentos depois do seu fallecimento, ecoou dolorosamente em todas as classes sociaes, affuindo logo á casa de sua exma. familia collegas, alumnos e numerosos amigos, afim de compartilhar da dôr que ella soffreu com a perda de seu bemquisto chefe.

O seu corpo collocado em fino esquife, foi sempre velado por innumeradas exmas. familias e cavalheiros, sendo tambem numerosas e finissimas as corôas enviadas por parentes e pessoas amigas e corporações da qual fazia parte.

Dentre as numerosas homenagens prestadas ao pranteado morto, destacamos as da Sociedade de Medicina desta Capital.

A seguir damos o discurso proferido pelo dr. Guerra Blessmann, e que foi muito apreciado por todos os presentes:

« Exmo. sr. presidente — Meus caros collegas e consocios — Meus senhores. — Foi naquella manhã brumosa e fria do ultimo dia de julho, quando os primeiros raios de luz, atravessando densa nevoa, começavam a despertar os que matinham, que o braço tragico da Fatalidade, attingindo o leito em que tranquillamente repousava, dormindo, o nosso illustre con-

frade, roubou-lhe inesperadamente a vida. Era talvez preciso um golpe destes, para aniquilar aquelle organismo de batalhador emerito; era necessario que a propria morte o ferisse traioeiramente para que do nosso convívio diario desaparecesse o lutador que nunca soube esmorecer, em qualquer problema, por mais difficil que fosse, quer na sua vida particular, quer na sua vida profissional.

Vimol-o momentos após, ainda no leito, rodeado da familia extremosa, então desolada.

No seu rosto, sereno e calmo, uma lagrima traduzia, talvez, o seu adeus de despedida á vida que elle tanto amara, e á qual ainda se julgava, ha pouco, tão preso.

Tanta calma e tranquillidade encontrou na morte porque provavelmente nos ultimos momentos a voz da consciencia segredou-lhe, afirmando que muito mais bens espalhara do que males praticára.

A noticia de sua morte foi como bem o sabeis tristemente recebida por todos, pelos seus collegas, pelos seus alumnos, pelos seus amigos, pelos seus clientes, quer ricos, quer pobres e as homenagens que foram e ainda serão prestadas em sua memoria, bem alto traduzem a significação que merecidamente tinha em nosso meio, o emerito e distincto collega.

Quiz o presidente da Sociedade de Medicina de Porto Alegre que nesta sessão especial fosse eu um dos oradores. Aceitei, não recuei ante a ingente tarefa, porque necessario se tornava que alguém que bem o conhecesse viesse recordar neste momento quem foi, principalmente como profissional, o prof. Arthur Franco. Venho desobrigar-me, sem phrases rebuscadas, em linguagem modesta, mas sincera, como convem em se tratando de uma alma grande, mas simples e bondosa, despida de qualquer vaidade, como a do collega cujo fallecimento pranteamos.

Ha justamente tres lustros que eu o acompanhava na clinica hospitalar, sendo que, ha mais de um decennio, como seu assistente, em estreito convívio, sempre na maior intimidade, diariamente admirando a soberba contextura de seu formoso caracter, como homem e como profissional.

No hospital, Franco foi ao começo assistente de Wallau, cuja figura tambem devemos recordar com saudade, attentas suas grandes qualidades, nunca sufficientemente repetidas. Educado, por assim dizer, na escola deste grande mestre da cirurgia rio-grandense, foi depois o seu distincto continuador. Todos vós lá o vistes, muita vez, calmo, decidido, de inquebrantavel energia nas suas resoluções, sempre prompto, até quando fatigado, a iniciar novas intervenções, desde que ellas pudessem dar algum allivio aos soffredores; em poucas palavras, vistes lá sempre o cirurgião operoso, convencido da magnificencia de sua arte.

Quem visse a grande sensibilidade e extraordinaria doçura de seus sentimentos, concluiria que bem inexacta é, como disse J. L. Faure, a exdruçula representação actual dos cirurgiões, feitos pelos pintores e caricaturistas como individuos brutaes, insensíveis e crueis.

A calma, a tranquillidade e o bom humor, apparentes em um cirurgião, não traduzem em certas occasiões o que lhe vae na alma.

Si todos os seus estados d'alma na physionomia se estampassem, a todo o momento a mascara seria outra. Não ha como a cirurgia para produzir emoções; é preciso uma forte organização afim de na luta incessante, diaria, resistirmos a todas que nos assaltam.

Energico quando era preciso, sem perder a calma, sabia, como bom cirurgião, o que devia fazer neste ou naquelle caso urgente, ora, impondo, com convicção firme, uma intervenção necessaria, ora, adiando, com a mesma energia, a ideia de uma operação, temporariamente contra-indicada.

Energico e prompto em resoluções que na cirurgia devem

às vezes ser tomadas durante o proprio acto operatorio, Franco sempre sabia, sem perda de tempo, tomar o caminho que lhe parecia mais acertado, sempre que possível o que menor mutilação podesse acarretar para o paciente.

Estudioso, possuidor de escolhida collecção de livros e revistas de cirurgia, raro era o assumpto, por mais novo que fosse sobre o qual elle não formasse logo uma opinião judiciousa.

E assim tambem demonstrou, surprehendentemente em algumas occasiões, suas bellas qualidades de bom julgador.

Como professor, salientava-se pelo espirito pratico com que encarava os mais difficeis, como os mais facéis e communs problemas da cirurgia, chamando a attenção dos alumnos para os pontos capitaes que muita vez são, na vida pratica, os escolhos em que tropeçam os principiantes. E, tudo isto, fazia em uma synthese admiravel e invejavel que tornavam tão attrahentes suas palestras. Nunca vimos Franco occultar este ou aquelle ponto de uma technica, com a preocupação de elevar sua grande habilidade cirurgica. Sinceramente a todos que o procuravam elle expunha os seus conhecimentos.

Era pouco affeito ás chamadas prelecções; ensinava cirurgia no leito do doente e na sala de operações, era sua preocupação exclusiva, como professor, formar praticos, que no dia seguinte viessem na labuta da clinica, alliviar promptamente os que soffrem, e não, formar individuos portadores de um titulo e de grandes conhecimentos theoricos, por vezes, difficeis de arranjar e pôr em ordem, nas occasiões delicadas, quando uma resolução rapida se impõe.

Possuidor de rigorosa technica, foi sempre um entusiasta, até ao dia de sua morte, pela arte que abraçou.

Clinico de grande serviço, pouco tempo lhe sobrava para publicar trabalhos seus.

Aqui mesmo na Sociedade, muitos de seus interessantes casos clinicos foram trazidos ao vosso conhecimento pelos seus assistentes, pois ao emerito director da Enfermaria Dr. Wallau, pouco repouso davam os doentes.

Elle foi em nosso meio o introductor de varios processos e technicas operatorias. Ainda ha pouco aqui vos dissemos que a Franco se deve a introdução da grande descoberta de Crille — a associação inócua — As technicas de Albee, quanto á orthopedia e reconstrução, lhe eram familiares, e foram até agora exclusivamente praticadas por elle entre nós. O enxerto de orgãos, enxerto de ovario tambem foi por elle praticado em primeira mão.

Executava todas as intervenções com a mesma dedicação, o mesmo cuidado, e identica maestria, desde a mais leve á mais grave. Manejava tão bem o instrumento de uma graniectomia, como o de uma cholecystectomy ou outra operação abdominal.

Si alguma inclinação nos foi possível descobrir para este ou aquelle campo da cirurgia, arriscariamos dizer que elle preferia a cirurgia abdominal. Ahi é para accentuar o cuidado que elle votava ás suturas, quer as de uma anastomose, por exemplo, quer quando já terminada a operação intra-abdominal, a minucia com que refazia a parede.

No hospital gastava uma boa parte do dia, mas nunca se cançava de repetir que ali tinha sido, era e seria a sua escola. Era preciso trabalhar na enfermaria, era necessario allivar o soffrimento dos que lá se encontravam o mais depressa possível, para que novos pacientes viessem occupar aquellas camas. Com isto tambem procurava elle ter sempre, o maior numero possível de casos para estudar, na ancía de satisfazer a sua infinita sede, nunca saciada, de pratica e mais pratica.

Na clinica privada são sem numero os casos em que, para satisfazer os desejos ou exigencias dos clientes, operava em domicilio. Vimol-o, vezes sem conta, praticar intervenções nos hospitaes pela manhã e á tarde, achando ainda tempo para

operar no mesmo dia em domicilio, e, quando era preciso, Franco, parteiro, ainda na mesma noite, furtava algumas horas ao seu repouso tão necessario e ia attender alguma parturiente que no leito de maternidade reclamava insistentemente os seus cuidados.

Era um trabalhador infatigavel. Si cada uma de todas as suas outras excellentes qualidades não fossem por si só sufficientes para inscrever o nome de Arthur Franco entre os que de nós já se apartaram, muito tendo honrado a medicina rio-grandense, bastaria esta invejavel capacidade de trabalho, que nunca conheceu esmorecimentos, para assignalal-o como um benemerito profissional, cujo nome deve ser por nós guardado como uma reliquia, servindo de encorajamento a muitos em momentos de desanimo, servindo de exemplo a todos. Trabalhou, como sabeis, até o momento de se recolher, horas tardias da noite, ao seu leito de repouso, que cinco horas após, ás 5 ½ horas da manhã de 31 de julho, seria o seu leito de morte.

Si bem que nós, os seus intimos, de pouco tempo a esta parte, viessemos notando em sua physionomia o traço de qualquer provavel soffrimento occulto e com elle instassemos para que repousasse e se fizesse examinar, Franco não queria admittir neste sentido qualquer hypothese, porque principalmente elle temia uma possivel invalidez que, desde o exemplo de Wallau, não deixara de o atemorisar. Trabalhava infatigavelmente porque amava o trabalho e foi este que provavelmente exgotou aos poucos e de modo sorrateiro o seu organismo. Assim não será difficil concluir que elle foi victima de seu maior amigo — o trabalho.

Abeirava-se dos cincoenta annos e julgava que sua resistencia, nunca d'antes enfraquecida, iria fazer com que ultrapassasse este limite, em geral, hoje considerado, o maximo da vida activa de um cirurgião.

Não ha, já vos disse, como a cirurgia para nos dar, a cada passo, emoções tristes ou alegres.

Aquelles, porém, que como o nosso preclaro collega amanna acceitam todas, visando exclusivamente bem cumprir o seu dever, satisfazendo a sua consciencia e arte, para elles, tão bella.

Quem pratica por amor a cirurgia não teme obstaculos quaesquer sejam, entrega-se todo a ella, de corpo e alma.

Haverá maior signal de estoicidade, do que o cirurgião saber que tem sua vida mais ou menos limitada, e no entanto fiel ao seu juramento, preso á paixão que consagra a sua profissão, não se entregar, não descansar, lutar sempre e cada vez mais, innumeras vezes em prejuizo da sua pessoa, e da sua familia?

Todos nós fomos censurados hontem, somos criticados hoje e seremos condemnados amanhã porque, neste ou naquella caso, erramos. São tropeços diarios da, muitas vezes, hoje incommoda e mal recompensada vida dos clinicos.

Com a nossa consciencia tranquilla, certos de que sempre procuramos desta ou daquella forma fazer o bem, deixamos passar as injustas referencias que nos fazem, vendo muitas vezes, aqui um sentimento mal contido, ali a ignorancia, ora o despeito, ora a inveja.

Na tua vida, Franco, naturalmente erraste, como todos, indistinctamente e sem excepção erramos. Mas, estou certo, a tua consciencia te affirmou que si erraste foi sempre na esperanza de alliviar um soffrimento, de fazer exclusivamente o bem. E, si por ali além, alguém houver livre da culpa de ter errado, este que, sobre a tua figura invejavel de homem e cirurgião, atire a primeira pedra.

Como orgulhosa recordação de tua carreira, a medicina rio-grandense ha de sempre lembrar que foste o profissional emerito, estudioso e acatado, conhecedor de todos os segredos da cirurgia que se fez no proprio seio desta terra dos Pam-

pas, pois nunca tiveste na tua arte aprendizagem com professores no estrangeiro. Formaste o teu glorioso nome aqui, és exclusivamente nosso, para nosso orgulho.

Filho amantissimo, marido extremoso, pae dedicado, Franco ainda poderia talvez muito ter vivido, grandes ensinamentos nos legando e innumeros serviços prestando, si tanto não se tivesse sacrificado pela carreira que abraçara.

Por ali vêde, meus senhores, quem foi o collega que perdemos na nevoenta e gélida manhã em que despertados pela funebre noticia, um a um, desolados, como que desarvorados, ante o inesperado da desgraçada nova, accorriamos, nós os seus collegas, a depositar sobre seu corpo ainda quente as lagrimas da nossa eterna recordação e da nossa perenne saudade.

Agora, que alguns dias são passados, poucos ainda, para bem podermos avaliar a extensão de sua obra, um consolo tenhamos: si da nossa intimidade diaria fugiu, entregue á campã fria, o corpo de Arthur Franco, nunca mais se apartará de nós o seu espirito que ha de connosco eternamente viver em saudosas reminiscencias. Nunca poderás ser esquecido pelos teus collegas, pelos teus amigos, pelos teus discipulos.

Honra á tua memoria, paz á tua alma.»

O DISCURSO DO DR. OCTACILIO ROSA

A seguir, falou o dr. Octacilio Rosa, que pronunciou a seguinte oração que foi muito applaudida pela assistencia:

«Senhores — Ha cerca de 14 annos iniciava na então 4.ª enfermaria do nosso hospital, cirurgica um estudante obscuro.

Recebido como interno pelo saudoso prof. Wallau, creador dessa escola de bondade e probidade profissional, que o é incontestavelmente a 4.ª secção, lá elle encontrou o dr. Arthur Franco.

Era elle o primeiro assistente do serviço.

E desde então o humilde quartannista começou a venerar o eminente cirurgião, cuja perda hoje deploramos.

E porque?

Permittam-me que neste momento em que, alma genuflexa, homenageamos mais com o sentir do que com a palavra a sua memoria, eu diga sinceramente que a unica credencial que eu apresentei áquelles saudosos estres, distinguindo-me dos meus collegas, foi a pobreza.

Sim, meus senhores, para aquellas duas consciencias justas, abroqueladas pela bondade, eguaes em tudo — tão sómente bastava.

E nos meus instantes de luta, quando me periclitava a vontade, surgia-me então e sempre a figura bondosa, o exemplo vivo do nosso saudoso amigo, que tambem elle a golpes de vontade vencera na vida e me amparara moral e materialmente.

E no decurso desses longos annos em que entre nós «a amizade se tornou solida pela maturidade da idade e do espirito», nunca me foi dado observar um deslize sequer do seu caracter.

O estudante pobre, o collega que batalhava pelo bem estar de sua familia, encontrára sempre em Arthur Franco apoio seguro.

Ha cerca de um mez, dizia-me elle, a respeito de um estimado e infeliz collega, talvez já esquecido de todos: «precisamos salvá-o, dando-lhe serviços».

Quando elle pronunciou essa phrase, si eu não estivesse habituado com os impulsos do seu grande coração, desse coração que o fulminou, talvez me surpreendesse — tal foi a unção como a disse.

Mas, não, qualquer de vós o tereis comprehendido, o trabalho era a sua religião.

Que nos importam os pequenos defeitos que porventura tivesse Arthur Franco, si a maxima virtude, aquella que lhe caracterisava a existencia era a caridade?

Character leal, nunca a malidicencia na profissão, que assassina a honra, que destróe a reputação, que procura interpretar a seu modo o proceder mais innocente lhe maculou a consciencia, lhe turvou a serenidade. Sempre elle tinha, com a sua grande bondade, uma phrase caridosa que afastava do collega incriminado as suspeitas maliciosas, como uma retea de luz afasta as trevas, como a chuva de Deus purifica os ares.

O seu codigo de ethica, estava enquadrado em regras, não escriptas em papel, mas em sua consciencia, com caracteres indeleveis, gravados os primeiros pelo exemplo fruido de seu pe.

A lealdade era a base do seu proceder para com o collega, para com o doente.

Valorisava sempre que podia o trabalho dos outros, não para elevar o seu, mas para significar a profissão.

Como professor, a sua palavra singela e sincera não só transmittia sciencia, como conselhos para a vida pratica.

Estimulava, tanto quanto ensinava.

E para elle o ensinar ao leito do doente a fazer o diagnostico cirurgico, á meza de operações a therapeutica indicada, era, senhores, grande sacrificio, pois, lhe roubava tempo precioso de sua vasta clinica.

Só o amor á nossa escola, só a affeição aos seus alumnos, só o amor á sua terra bastavam-lhe entretanto para lhe recomendar do tempo dispendido.

«Não para nós, os professores actuaes, mas para os senhores, futuros mestres e apontava para os seus internos, foi construida esta escola, dizia elle, ha pouco, no dia 26 de julho».

Quem quizesse vêr a sua physionomia aclarar-se num sorriso de satisfação, levassem-lhe a noticia do triumpho de um de seus alumnos.

Era Arthur Franco, cirurgião notavel, de technica impecavel, de resoluções rapidas, apanhando com verdadeiro talento a situação do doente e resolvendo sem vacillar, a indicação immediata ou retardataria, da intervenção.

Trabalhador infatigavel, nunca, podemos affirmar, os que com elle trabalhavam, periclitar a vida de um paciente pela sua hesitação.

Ricos e pobres tinham em Arthur Franco o cirurgião que os attendia em qualquer hora do dia e da noite.

Que o digam os seus numerosos clientes; que o diga a Enfermaria Dr. Wallau, onde duas vezes ao dia, lá estava, theatro que foi dos seus muitos successos cirurgicos, templo onde ministrava á mocidade os seus ensinamentos; que fale a 1.ª classe do hospital, onde maior era o numero dos que lhe pagaram tão sómente com gratidão, moeda de subido valor, martellada pelo soffrimento daquelles que elle curava, temperada pelas lagrimas daquelles que elle consolava...

A sua competencia como cirurgião, parteiro e gynecologista dispensa qualquer commentario.

Progressista e habilidoso como poucos, firmou entre nós a reputação da enxertia ossea e ovariana. Amante da cirurgia abdominal conhecia-lhe todos os segredos. E ao proprio cerebro soffredor, comprimido em seu estojo osseo, a mão habil de Arthur Franco levava-lhe allivio...

Era, senhores, em fim, como o sabeis, um verdadeiro, um grande cirurgião, tanto nas pequenas, como nas grandes operações.

Mas, não só o soffrimento physico encontrava nelle o seu remedio. A dôr moral do doente e daquelles que o cercavam

era mitigada pelo carinho inexcedivel, pela bondade que lhe fugia do olhar, pela sensação de fortaleza que todos sentiam ao se lhe approximarem.

Que o digam aquelles que tiveram a ventura de tel-o á sua cabeccira e que hoje choram-lhe o desaparecimento. Que o digam aquelles lares, onde qual anjo protector, elle restituiu a esposa, o filho e muitas vezes quiçá a tranquillidade moral.

Resumindo-lhe a vida de cirurgião, o porque da aureola que o cercou no seio da cirurgia rio-grandense — podemos applicar-lhe com justeza os versos de Rostand, quando Cyrano, inflammado por nobre orgulho, assim termina:

Nada escrever jamais que eu mesmo não produza,
E, modesto, dizer á minha, altiva Musa:
«Seja do teu pomar, teu proprio — o que tu colhas;
Embora fructo, flôr ou simplesmente folhas».
Depois, si acaso a gloria entrar pela janella,
A Cesar não dever a minima parcella,
Guardar para mim mesmo a gratidão mais pura;
Emfim, sem ser a hera, a parasita obscura
Nem o carvalho e o til — gigantes do caminho
Subir, não muito sim; porém subir sosinho.

Senhores, si Deus perdôa as nossas faltas, indirectamente pelos seus ministros, si nos dá o soffrimento como remedio aos nossos peccados, — Deus o recompensou directamente pelo bem que elle praticou, poupando-lhe o soffrer moral de abandonar a mãe amada, a esposa querida, os filhos estremecidos; — Deus o ungiu, passando-o sem lhe alterar a physionomia serena, de um somno de horas para o dormir eterno.

Feliz o homem que vencedor na vida, deixa ao morrer sómente amigos que o choram e um nome que é um symbolo de trabalho, de honra, de bondade...

Arthur Franco, senhores, foi feliz; viveu lutando, morreu sorrindo.

Cirurgia mutilante e cirurgia conservadora do ovario

pelo prof. Martins Gomes

Substituto da 10. secção (Clinica
obstetrica e gynecologica)

Ainda ha pouco, era cousa facil optar pela conservação, ou pela extirpação do ovario de aspecto perfeito, quando se fazia uma hysterectomia.

E em quasi toda parte assim é, ainda. Na França, em geral, tende-se a conservar, por mais que, dada a minima duvida, sobre a pureza do órgão, não se hesite em eliminá-lo. Assim opina J. L. Faure, figura central da gynecologia. Já porém, ao lado, Tuffier, irreductivelmente, extirpa de mão firme. Para elle o ovario não tem valor sem utero.

Para elle, esse ovario não funciona: duas affirmativas, aliás, mais que frageis, e abaladas pelas ultimas observações, e pelas novas ideias correntes.